

A TRAMA AUTOBIOGRÁFICA DE *AMKOULEL, O MENINO FULA*: IMAGENS DE SI NAS HISTÓRIAS MALINESAS¹

Allisson Esdras Fernandes de Oliveira
Eumara Maciel dos Santos²

Resumo: Analisou-se, neste artigo, a tecedura autobiográfica das narrativas de *Amkoullel, o menino fula*, do malinês Amadou Hampâté Bâ ao passo que se delineou a multifunção da escrita de si. A pesquisa, de cunho bibliográfico, teve como fios condutores: os estudos de Amossy (2005), ao discutir sobre a construção de uma imagem de si no discurso; de Arfuch (2010) quando reflete sobre os desdobramentos do eu na narração de si; de Foucault (1992), ao tratar da relação do eu com o mundo; Lejeune (1975) com o conceito de pacto autobiográfico; e outros. Ao perfazer seu percurso pela escrita de si, Bâ caminha, sobretudo, para o autoconhecimento, vê-se e faz com que seja visto quando personifica seu passado ao comunicar a presença de Amkoullel: o símbolo da sua viagem de volta às terras do Mali, de onde sempre irão emergir mesmo *in memoriam*, as belas histórias do nosso eterno menino fula.

Palavras-chave: Literatura Malinesa. Autobiografia. Memória. Discurso.

1 INTRODUÇÃO

A escrita deste artigo completa e encerra, temporariamente, a sequência de estudos, iniciada no primeiro semestre do Curso de Graduação em Letras da UNEB, em torno das matrizes culturais malinesas na obra autobiográfica de Amadou Hampâté Bâ. Essa sequência pretende culminar no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e pode ser detalhada com o arrolar dos artigos: o inaugural, *Amkoullel, o menino fula: pastoreando histórias e memórias na oralidade africana*; o segundo, sobre a matriarcalidade, intitulado *No colo de Kadidja: a matriarcalidade africana em Amkoullel, o menino fula*; o terceiro, *O maturar da ancianidade nas histórias de Amkoullel, o menino fula*; o quarto, *Entre laços e enlaces: a família na África de Amkoullel, o menino fula*; e o quinto, *Nuances da religiosidade afro-islâmica nas histórias de Amkoullel, o menino fula*.

A inquietação que faz pulsar essa pesquisa encontra-se nas raízes culturais do Mali³, retratadas pela obra *Amkoullel, o menino fula*, de Bâ: a autobiografia pelo viés da ressignificação da escrita de si, haja vista que é uma maneira de trazer à tona o

¹ Artigo produzido sob orientação da Professora Mestra Lise Mary Arruda Dourado.

² Graduandos do VII semestre do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus Universitário Professor Gedival Sousa Andrade, DCHT – XXIV, Xique-Xique, Bahia.

³ Zona de referência no anexo.

passado histórico de Bâ, seu pertencimento cultural fula⁴, e envolver tão ricas e belas narrativas num singular cenário africano.

A pesquisa, de cunho bibliográfico, tem como fios condutores: os estudos de Amossy (2005), ao discutir sobre a construção de uma imagem de si no discurso; de Foucault (1992), ao tratar sobre o eu na narrativa; de Arfuch (2010) quando reflete sobre os desdobramentos do eu na narração de si; de Lejeune (1975), com o conceito de pacto autobiográfico; e outros. Como suporte ao arcabouço teórico supracitado, são também considerados os artigos sobre *Amkoullel, o menino fula* (BÂ, 2003) construídos por Oliveira (2008, 2009, 2010), Santos (2008, 2009, 2010) e Oliveira e Santos (2010), desde o primeiro semestre do curso de Graduação em Letras, submetidos às avaliações de bancas examinadoras nos Seminários de Pesquisa da UNEB, ao crivo acadêmico em eventos promovidos por outras Instituições de Ensino Superior - IES, e publicados em Anais e revista científica.

1.2 ENTRE O TEMPO E O ESPAÇO: O CENÁRIO AUTOBIOGRÁFICO DE AMKOULLEL, O MENINO FULA

Amkoullel e Bâ, dois nomes, uma só pessoa. Os nomes que confundem indicam os estreitos laços que envolvem o autor e a obra. Amkoullel, como chamavam carinhosamente a Bâ, recebeu esse apelido por conta de sua afinidade com seu amigo Koullel, assim como descreve:

[...] o grande contador de histórias e tradicionalista Koullel, que na minha tenra infância havia se ligado a mim a ponto de me apelidarem 'Amkoullel' (quer dizer, 'o pequeno Amadou de Koullel' ou 'filho de Koullel'). (BÂ, 2003, p.75).

No limiar entre Amkoullel e Bâ firma-se, então, um pacto de leitura, como se tomasse o leitor pelas mãos para um passeio por sua vida e suas histórias. Para Leonor Arfuch (2010) que revisita as teorias de Lejeune (1985)⁵ sobre o pacto

⁴ Os fulas ou fulanis são um grupo étnico que compreende várias populações espalhadas pela África Ocidental, mas também na África Central e no Norte de África sudanês. (Wikipédia, a enciclopédia livre).

⁵ Phillips Lejeune (1985) fala sobre o pacto autobiográfico como uma espécie de contrato entre autor/leitor em que são estabelecidas as fronteiras entre autobiografia e texto ficcional. Apesar de o

autobiográfico, vê um horizonte mais grandioso e sutil para definição deste espaço biográfico, quando desloca a possibilidade de identidade entre autor, narrador e personagem principal para um lugar mais instável entretecido no discurso. Desta maneira, a ligação alterável existente entre o leitor e o autor, quando aquele se debruça e se propõe a ler; é esse elo que une quem escreve e quem lê: eis um pacto autobiográfico. Quem escreve se compromete a ser sincero e quem lê passa a buscar acusações que possam ser confirmadas cotejando com intertextos. Diante de tal perspectiva, Bâ inscreve-se no espaço biográfico e lavra um contrato entre ele e o leitor no qual se compromete a uma apresentação sincera e bela da sua vida e dos que estão envolvidos nela, histórias que se encontram impressas num cenário singular da África subsaariana.

Frente a essa afirmação, para que a escrita seja de viés autobiográfico, é preciso que se estabeleça, por meio do texto e o que está em torno dele, o transparecer do elo entre o autor real e o discurso produzido por ele. Dessa maneira, o leitor crê na sua existência face à imagem de quem narra impressa no discurso. Dá-se a aliança firmada entre o leitor e o texto num pacto de leitura autobiográfica: espaço de liberdade para que Bâ veja-se, leia-se e recrie-se.

Ainda pelo fio conceitual do espaço biográfico, Arfuch diz que o autor “desarticula as cronologias, mescla as vozes narrativas, desloca o ‘eu’ para a terceira pessoa, desconstrói o efeito de realidade” (ARFUCH, 2002, p. 105) tornando, assim, híbrida a tomada da palavra para falar de si e, por hora, acaba concebendo o que a própria vida não pode comportar, construindo uma cronologia causal das histórias no seu próprio tempo, edificando seus contos e cantos. Bâ, então, corrobora o deslocamento causal dos textos africanos, a contrapelo da lógica ocidental:

Como a cronologia não é uma grande preocupação dos narradores africanos ao tratarem de temas tradicionais ou familiares, nem sempre pude fornecer datas precisas. [...] Nas narrativas africanas, em que o passado é revivido como experiência atual de forma quase intemporal, às vezes surge certo caos que incomoda os espíritos ocidentais. Mas nós nos encaixamos perfeitamente nele. Sentimo-

nos à vontade como peixes num mar onde as moléculas de água se misturam para formar um todo vivo. (BÂ, 2003, p.14)

Pelo domínio da narrativa, Bâ nos remete a outros campos e espaços, arrebatando-nos de um tempo e um lugar de diferentes dimensões, fazendo-nos leitores-ouvintes, vivendo e revivendo com ele o deleite e o sofrimento das lembranças ao entregar-se a cada instante memorável com a liberdade de quem laboriosamente usa o poder da palavra para narrar. Nesta mesma perspectiva, Sarlo (2007) acrescenta que “A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepetível), mas a de sua lembrança.” (SARLO, 2007, p.25).

Ao valer-se da palavra, Amadou Hampâté Bâ descreve, transcreve e transvê suas histórias. Amkoullel, a imagem do eu do discurso, caminha com precisão pela cultura malinesa, percorre o Mali pela sua artéria e em cada veia vê pulsar as manifestações das matrizes culturais africanas. Os tons e sons embalam a narrativa autobiográfica que, ao evocar o passado para fazê-lo presente, inicia a escrita do tomo com um belo passeio pela sua linhagem:

[...] seria impensável para o velho africano que sou, nascido na aurora deste século na aldeia de Bandiagara, no Mali, iniciar o relato de minha vida pessoal sem evocar primeiro, ainda que apenas para situá-las, minhas duas linhagens, a paterna e a materna. Ambas são fulas e estiveram ligadas, se bem que em campos opostos, aos acontecimentos históricos, por vezes trágicos, que marcaram meu país ao longo do século passado. (BÂ, 2003, p.23)

Então, seus avós, seus pais, seus irmãos, enfim, toda a abrangência daquela acolhedora família africana está traçada nas linhas da vida de Amkoullel. Aquele menino fula que corria as savanas de Bandiagara, catando – no vento, nos gestos e nas palavras – fios para tecer belíssimas histórias que vieram à tona num espaço e num tempo de 80 anos, deita sobre as folhas de papel a reconstituição de suas reminiscências infanto-juvenis.

O escritor, ao recordar, constrói um novo espaço onde elucubra sobre a vida, as crenças e os costumes, assim reafirmando e reinventando sua identidade. Vê-se descortinar o nascimento de Amkoullel, que contado por Bâ, transcende a própria existência, já que ressignifica o valor da escrita de si como uma forma de

rememoração e reconstrução da história por meio da trama existente entre as narrativas e a cultura do Mali.

Ao esquadrihar as palavras de Bâ, vê-se demarcado o narrador-personagem ilustrando, por meio do universo amplo da criação literária, a fluida fronteira entre a ficção e a experiência dita real. O autor, o escritor, o personagem e o leitor: seres cúmplices, interligados pelo enredo das memórias do menino fula, aquele que volta ao passado e recria, pelas linhas traçadas, novos signos para o Mali, para Bandiagara, para os fulas e para si e, sem inocência alguma e grande responsabilidade, cogita inúmeras incertezas em torno de seu próprio nascimento – a reinvenção de si:

Se acreditarmos no que diz minha certidão de nascimento, nasci em Bandiagara, “por volta de 1901”; mas as pesquisas que realizei mais tarde me inclinam a pensar numa data entre dezembro de 1899 e janeiro ou fevereiro de 1900 (porque foi no auge da estação fria), mais provavelmente no início do ano de 1900 – parece que nasci no ano em que o rei Aguibou Tall viajou à França, o que ocorreu em 1900. Tudo leva a crer, portanto, que me cabe um honroso lugar no pelotão dos “filhos mais velhos do século”. (BÂ, 2003, p.55)

Eis o renascimento de si no discurso. Cabe, aqui, trazer à baila o pensamento de Arfuch (2002) quando fala da lembrança na reconstituição da infância como sendo a memória dos outros que, unida às reminiscências familiares, sociais e culturais recriam o ficcional no ato de escrever-se, posto que as narrativas de Bâ sejam relatos escritos em primeira pessoa, é impossível transpor qualquer realidade fielmente quando assentadas nas páginas escritas (FOUCAULT, 1992). Sendo assim, os gêneros confessionais são produções humanas embebidas de ficção e reflexões em torno da existência: literatura. E a obra autobiográfica de Bâ, então, uma rica literatura malinesa.

Narrar um fato ou ouvi-lo se faz uma tradição muito antiga para Bâ: é a necessidade humana de se encontrar, perceber-se, perpetuar a tradição. Quando se ouve uma história, dá-se-lhe ou não crédito, no entanto, ao escutar um relato de um homem que fala de suas próprias vivências, remete-se a credibilidade do orador como o efeito de seu discurso (AMOSSY, 2005). Já que ele viveu, então não é um fato longínquo, é, sim, um relato vivo. Dessa maneira, ao imprimir imagens de si no

discurso, Bâ inspira a confiança do leitor por meio dos argumentos na maneira de dizer-se, neste caso, o narrar-se do texto autobiográfico; o que pressupõe um grau de conhecimento, de intimidade e de propriedade com que relata suas vivências. Todo discurso pressupõe a construção de uma imagem daqueles que estão envolvidos no processo interativo. Amossy (2005, p.9) assegura sobre a construção da imagem do enunciador:

Para construir tal imagem, não é necessário que o enunciador fale sobre si ou apresente para os ouvintes suas características, suas qualidades e defeitos, pois, no momento do discurso, lançam-se pistas acerca desta imagem: seu estilo, sua visão de mundo, seu conhecimento acerca de determinados assuntos, dentre outros, que permitirão aos ouvintes realizarem a construção da imagem do enunciador.

O ato de contar se fazia presente no dia-a-dia de Bâ, por isso, ao retomar as suas experiências, ao constituir sua autobiografia, faz-se metucioso e detalhista na descrição das memórias pelas quais perpassam a sua identidade individual e coletiva. Dessa forma, deu-se a manutenção memorial de um corpo coletivo como a busca da preservação de uma identidade individual e/ou coletiva para que não se perca, mas se transforme em narrativa.

No que concerne o tecido da memória, chama-se para essa discussão os ideais de Jaques Le Goff. Para este autor, “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.” (LE GOFF, 1994, p.477). Assim, a experiência pessoal de Amkoullel acaba fundindo-se às histórias simultâneas dos outros, os personagens que circularam em sua vida, e da sociedade africana; sem imolar o caráter individual. Amkoullel, como narrador, dá uma existência ao mundo malinês pelo viés da literatura, onde são encontradas ricas manifestações da cultura do seu povo – os fulas – cujas vidas, que pulsam quando se abre o livro de Bâ, vociferam, de dentro de um país africano, os sons da sabedoria através dos tempos, revivendo e alimentando a história.

No delinear da história e da cultura africana, a narrativa está diretamente ligada ao indivíduo. As histórias estão imbuídas de valores que representam a ligação entre o sujeito e sua comunidade, e estão preenchidas de ensinamentos e tradições que

conduzem o comportamento de cada um. Muitas vezes, tais enredos estão umbilicalmente ligados à vida, para colacionar com tal noção as palavras de Rosário:

As narrativas de tradição oral são o reservatório dos valores culturais de uma comunidade com raízes e personalidade regionais, muitas vezes perdidas na amálgama da modernidade. Na sociedade africana, em particular a campesina, onde a tradição oral é o veículo fundamental de todos os valores, quer educacionais, quer sociais, quer político-religiosos, quer econômicos, quer culturais, apercebe-se mais facilmente que as narrativas são a mais importante engrenagem na transmissão desses valores. [...] Quer isto dizer que é nas narrativas que se encontram veiculadas as regras e as interdições que determinam o bom funcionamento da comunidade e previnem as transgressões. Essas regras e interdições formam conjuntos que variam segundo as culturas, mas apresentam algumas constantes demonstrando que as narrativas na tradição oral, em geral, estão ligadas à própria vida. (ROSÁRIO, 1989, p.40)

É neste pacto de rememoração que se estabelecem regras na temporalidade discursiva na escrita de si; o que acaba por permitir a descoberta de aspectos singulares da vida e da cultura de um povo. Então, não há como constituir uma linha divisória entre a memória e a autobiografia; ambas estão interligadas e sempre se encontram em um sentido: o eu no mundo e o mundo do eu.

No assobiar dos ventos, ao cair da noite, na comunidade fula, as marcas captadas através dos olhos e ouvidos são levadas para a mente – apreendendo, assim, cada detalhe – que forma os signos importantes para a constituição do resgate da memória, para serem eternizados através das expressões orais. Tais marcas estão intimamente ligadas ao cotidiano do homem. Na poesia da vida, o autor central da sua própria história é o homem africano, ele será o expoente maior para narrar e contar sua vida.

A autobiografia de Bâ é como um novelo, cujo fio condutor da memória vai tramando as histórias para que não se percam no emaranhado da linha do tempo. E é no desenrolar da narração que, com maestria, Bâ fala desde sua primeira viagem. O que certamente seria perdido pela sua memória, dada a sua condição de bebê, é retomado pelas lembranças de relatos de sua mãe:

Eu era muito pequeno para ser transportado nas costas à maneira das mulheres africanas. Minha mãe procurou então uma grande cabaça que encheu de panos e tecidos macios e quentes e ali me deitou como num berço. Niélé, minha “serva-mãe”⁶, pôs a cabaça na cabeça e tomamos a estrada. E foi assim que, com apenas quarenta e um dias de presença neste mundo, comecei a viajar. (BÂ, 2003, p.55)

Ecoaram, assim, os sons das vozes outras encontradas na escrita de si que fortificam os laços entre a relação do eu com o universo que o cerca. Já no delinear final do livro, ressoa, com tom de despedida, o último retrato da sua juventude: sua tomada de consciência de si num mundo mais distante ao se lançar no rio rumo ao horizonte incógnito – o orbe de sua vida de homem:

Olhei para frente. A proa da embarcação fendia as águas sedosas e límpidas do velho rio cuja corrente nos levava, como que para me arrastar mais depressa em direção ao mundo desconhecido que me esperava, à grande aventura de minha vida de homem. (BÂ, 2003, p.343)

Eis o elo entre a infância e a juventude que liga Amkoullel a Hampâté Bâ. Mais tarde, depois de muitos anos, deixadas para trás as águas cortadas pela embarcação da saudade, estaria entre a caneta e o papel um ancião a recolher, nos recônditos de si, pérolas preciosas, que, com grande estima e amor, guardou-as. No limiar entre a criança e o homem, o ancião embala as palavras numa canção de si, cadenciando, também, histórias malinesas.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de registrar marcos, memórias e histórias sempre foi uma necessidade da humanidade, deixar sua marca, firmar um legado assinar um pacto entre o homem, tempo e a história.

Na escrita autobiográfica de Amkoullel, tem-se um solo fértil para estudos histórico-culturais da África Subssariana, já que ele estava em meio a uma sociedade em

⁶ Frequentemente uma moça bem jovem que cuidava da criança a partir de seu nascimento ou tenra idade, auxiliando a mãe. (BÂ, 2003, p.32)

que havia a importância crescente da representação da própria cultura, da própria história individual e coletiva. Em seu livro, Bâ reverbera o Mali pelo sopro da palavra tecida, anos a fio, pela reconstituição das memórias infanto-juvenis e, por conseguinte, a história dos fula, pela escrita de si.

Destarte, em *Amkoullel, o menino fula*, podem-se encontrar ricas contribuições para a educação dos seus leitores no tocante a uma visão menos equivocada das culturas africanas em diálogo com o que reza a Lei 10.639/03, que torna obrigatório, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, incluindo as muitas contribuições do povo negro para a concretização da trajetória sociopolítica e histórica do Brasil, haja vista que Hampâté Bâ se vale das palavras urdidas na autobiografia para chamar à cena as riquezas culturais malinesas quando descortina a vida de Amkoullel: aquele que, quando mirava as falésias de Bandiagara, via sua vida pintada na tela marrom irradiada por riscos verdes e risos constantes. O menino fula guardava cada lembrança em sua cabeça habituada à recordação. Agora, suas memórias são uma fonte de onde jorra arte, cultura e história malinesa, e, por conseguinte, um manancial para o estudo da História e Cultura Africana.

Nota-se, em *Amkoullel, o menino fula*, como é marcante a força da palavra ao envolver o leitor no esboço traçado pelo autor-personagem ao revelar as belezas estampadas quando tece as peças dos fatos no enunciado, cosendo, assim, o ficcional. A trama se fia na jovem imagem de Bâ, ora correndo nas savanas de Bandiagara, ora debruçado sob a aquarela noturna do céu malinês para ouvir as narrativas da sua genealogia. Ao perfazer seu percurso pela escrita de si, Bâ caminha, sobretudo, para o autoconhecimento, vê-se e faz com que seja visto quando personifica seu passado ao comunicar a presença de Amkoullel: o símbolo da sua viagem de volta às terras do Mali, de onde sempre irão emergir, mesmo *in memoriam*, as belas histórias do nosso eterno menino fula.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth (Org). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu, Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro : EdUERJ, 2002.

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. Trad. Xina Smith Vasconcellos. São Paulo: Casa das Áfricas/Palas Athena, 2003.

_____. A palavra, memória viva na África, 1973. In: **Correio da UNESCO**: África e sua história. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1979.

BRASIL. MEC/SECAD. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. SECAD. MEC/BID/UNESCO, 2005, p.21-37.

BRASIL. MEC/SEPPPIR. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SEPPPIR, 2005.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Trad. Antônio Fernando Cascais, Eduardo Cordeiro. Rio de Janeiro: Vega, 1992.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

LEJEUNE, Phillips. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1985.

OLIVEIRA, Allisson Esdras Fernandes de; SANTOS, Eumara Maciel dos. **Amkoullel, o menino fula**: pastoreando histórias e memórias na oralidade africana. Trabalho apresentado VIII Seminário Interdisciplinar de Pesquisa, na Universidade do Estado da Bahia, DCHT XXIV, Xique-Xique, 2008.

_____. **No colo de Kadidja:** a matriarcalidade em *Amkoullel, o menino fula*. Trabalho apresentado no IX Seminário Interdisciplinar de Pesquisa, na Universidade do Estado da Bahia, DCHT XXIV, Xique-Xique, 2009.

_____. **O maturar da ancianidade em *Amkoullel, o menino fula*.** Trabalho apresentado no X Seminário Interdisciplinar de Pesquisa, na Universidade do Estado da Bahia, DCHT XXIV, Xique-Xique, 2009.

_____. **Entre laços e enlaces:** a família na África de *Amkoullel, o menino fula*. Trabalho apresentado no XI Seminário Interdisciplinar de Pesquisa, na Universidade do Estado da Bahia, DCHT XXIV, Xique-Xique, 2010.

_____. **Nuances da religiosidade afro-islâmica em *Amkoullel, o menino fula*.** Trabalho apresentado no XII Seminário Interdisciplinar de Pesquisa, DCHT XXIV, Xique-Xique, 2010.

OLIVEIRA, Allisson Esdras Fernandes de. **Amkoullel, o menino fula:** pastoreando histórias e apascentando memórias na oralidade africana. In: **Anais do 17º Congresso de Leitura do Brasil**, 2010. Disponível em: http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem05/COLE_496.pdf

_____; SANTOS, Eumara Maciel dos. A ancianidade nas histórias de Amkoullel, o menino Fula. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, maio 2010.

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. **A Narrativa Africana de expressão oral: transcrita em português.** Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Luanda: Angolê, 1989.

SANTOS, Eumara Maciel dos. No colo de Kadidja: a matriarcalidade africana em Amkoullel, o menino fula. In: **Anais do 17º Congresso de Leitura do Brasil**, 2010. Disponível em: http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem19/COLE_491.pdf

SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

WIKIPÉDIA. **Fulas.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fulas>. Acesso em 05 de fevereiro 2011 às 12h:37min.

ANEXOS

